

DERIVAR, CORPORIFICAR, VESTIR ARQUITETURAS: CAMINHOS DE APREENDER O MUNDO

TO DRIFT, TO EMBODY, TO DRESS: PATHS TO APPREHEND THE WORLD

SILVA, MARIA ANGÉLICA; BATISTA, MATHEUS HENRIQUE; OLIVEIRA, MATHEUS; SILVA, RAFAEL.

RESUMO

O presente artigo aborda a relação entre corpo, roupa e arquitetura e urbanismo, partindo de considerações gerais sobre estas relações e voltando-se para a questão do aprendizado no contexto pós pandêmico. Analisa a seguir uma experiência de ensino e extensão que buscou colocar em foco os corpos dos próprios estudantes, acentuando seus mecanismos sensoriais e sensíveis. As estratégias metodológicas utilizadas partiram, depois das discussões sobre estética, corpo e cidade, para atividades inspiradas na deriva situacionista e na errância. Mas sobretudo se ancorou na experimentação e nas vivências. Buscando a ação extensionista, a partir da escolha da área central da cidade de Maceió como local de estudo, foram realizados experimentos individuais e coletivos que envolveram a produção de uma roupa e de uma intervenção momentânea nesta área, com o fito de compartilhar experiências, bem como aferir os trabalhos produzidos pelos estudantes, quando expostos ao público. A ideia de ultrapassar os muros da universidade e promover ações práticas se aproxima da demanda por observar o habitar como movimento, seja na escala da arquitetura e da cidade, seja na escala mais ampla do próprio planeta.

Palavras-chave: Experiências de aprendizado. Deriva. Corpo. Cidade. Maceió.

ABSTRACT

This article addresses the relationship between body, clothing and architecture and urbanism, starting from general considerations about these relationships and turning to the issue of learning in the post-pandemic context. Then, It analyzes a teaching and extension experiences that sought to bring into focus the bodies of the students themselves, accentuating their sensory and sensitive mechanisms. The methodological strategies used started, after discussions about aesthetics, body and city, for activities inspired by the situationist drift and wandering. But above all, it was anchored in experimentation. Seeking for the extensionist action after adopting of the central area of the city of Maceió as a study case, individual and collective experiments were carried out involving the production of a garment and of a momentary intervention in this area, with the aim of sharing experiences, as well as a way to measure the works produced by students, when exposed to the public. The idea of going beyond the walls of the university and promoting practical actions is due to observe dwelling as movement, whether on the scale of architecture and the city or on the broader scale of the planet itself.

Key-words: Learning experiences. Drifty. Body. City. Maceió.

Onde reside a menor escala da arquitetura? Na moradia mínima? Na casa de um inseto, no menor ovo que possamos imaginar? Ou quando o corpo já se faz casa ou prescinde dela, como a árvore, ela própria moradia? E para os humanos, depois de deixar o útero onde o abrigo se confunde com o próprio ser abrigador?

Saindo dali, a criança vai ser acolhida por olhos, braços, peito, e para além da grande novidade de tudo em volta, surgirá a roupa. Talvez qualquer peça que cubra o corpo possa ser lida como uma arquitetura funcional, pois protege, mas também pontua este corpo com significados. Embarçosa, sinalizadora, para além de qualquer funcionalidade, mapeia o que deixar visível ou não.

A cosmologia, a religião, a moral são grandes tecelãs. O hábito do frade significa não simplesmente vestuário, mas acena a bandeira de que ali, no convento, se vive em comunidade, sob regras que regulam não só princípios de convivência, mas hábitos. Assim se unem corpo, veste e arquitetura. Pois “o monge é, nesse sentido, um homem que vive de acordo com o ‘habitar’, ou seja, seguindo uma regra e uma forma de vida. Contudo, é verdade que o cenóbio representa a tentativa de coincidir o hábito e a forma de vida em um *habitus* absoluto e integral, em que não fosse mais possível distinguir entre veste e modo de vida. (AGAMBEN, 2014, p. 27).

Neste jogo de deixar indistinto modo de vida e roupa, hábito e habitar, os corpos vão se cobrindo e agregando pedaços que o amplificam, como os mantos, projetando o corpo para muito além do seu volume. Surgem novas sinuosidades para os perfis, alonga-se os pés, enfeita-se os cabelos.

E se considerarmos que a vestimenta sagrada ou profana, religiosa ou civil faz com que o indivíduo entre no espaço fechado do religioso ou na rede invisível da sociedade, veremos então que tudo o que concerne ao corpo – desenho, cor, coroa, tiara, vestimenta, uniforme – tudo isso faz desabrochar, de forma sensível e matizada, as utopias seladas no corpo. (FOUCAULT, 2013: p.13)

Todo este ritual é pontuado pelos costumes. Por exemplo, para mencionar décadas não muito distantes, todo um universo que se abriu para discutir a liberdade política nos anos sessenta, levantou as bandeiras a favor de uma maior atenção às conexões entre o corpo físico, a política e a ética. “Paz e amor” significou novos hábitos e vestes. As roupas ficaram coloridas, leves, floridas, para quem pregava a liberdade. Outro movimento naquele mesmo momento foi a espiritualização do corpo, do que resultou práticas orientais sendo acolhidas pelo ocidente, em especial pela

porta dos Estados Unidos.

Hoje vemos um repertório enorme de ações e investimentos que colocam corpo e roupa em evidência. Quando a busca é por saúde, assoma-se a importância dos exercícios físicos, a sedimentação do programa academia se expandindo, sempre a agregar outros valores à ideia de um corpo moldado, que para além da bandeira da saúde e dos padrões estéticos, aciona o consumo de uma extensa rede de produtos, em especial relacionados à vestimenta e suas extensões: todo um conjunto de acessórios para saltar, agachar, empurrar, puxar, correr, arremessar.

Pois entre corpo e roupa, um outro universo tem se aberto, inclusive fluindo pelas entranhas do corpo. Muito além dos óculos, bengalas e outras estruturas centenárias destinadas a prover o sistema neuro-músculo-esquelético, um universo variado de órteses se abriu buscando vantagens mecânicas e funcionais da ordem da prevenção e correção, mas também com um foco estético bastante acentuado, isto quando não se lança mão das próteses, que já indicam uma substituição de um membro ou parte do corpo, transformações por vezes voltadas não diretamente a uma demanda de saúde ou conforto mas ao enquadramento a um determinado padrão cultural.

Os esportes radicais também demandaram todo um outro desempenho corporal e atrelado a eles, um rol de peças de vestuário: mochilas corcundas que viram paraquedas, apetrechos de escalada e de propulsão do corpo rumo aos céus. Portanto, não há como não considerar que, no caso humano, o corpo biológico é sobretudo social.

Porém, quando corpo e roupa estão sendo solicitados de tantas maneiras, haveria a possibilidade de um atravessamento outro, que visse o corpo como mecanismo de crescimento, autoconhecimento e conhecimento do mundo? Um corpo eticamente respeitado para criar melhores futuros? Convocar o corpo no aprendizado e na vivência dos espaços tem sido uma prática exercitada em várias instâncias dos cursos de graduação em arquitetura, urbanismo e design bem como na pós graduação da FAU/UFAL. Pois é na dimensão espacial que os corpos vivem.

É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE & GUATTARI 2012, p. 12)

De que corpo estamos tratando? Primeiramente do nosso próprio

corpo, dos docentes e dos discentes. Pós pandemia, a urgência de se pensar corpo e aprendizado se fez premente visto os tempos anteriormente decorridos em frente às telas, demandando uma série de transformações que forçaram uma aproximação das técnicas da educação à distância com o âmbito da sala de aula convencional, tornada midiática. Suplantou-se grandes desafios, mas também ocorreram aprendizados. Se rapidamente foram atualizados os materiais didáticos, se as apresentações audiovisuais tiveram um enorme incremento tornando todo o seu aparato mais célere e simples, todavia era constante que, apesar de tudo isso, a sessão de aula se fizesse com baixa interação, em tentativas de diálogo frustradas frente à contemplação dos avatares mudos colados na tela. Com algum sucesso, as conversas aconteciam, ainda que silenciosa, sobretudo através dos *chats*. Obviamente a possibilidade de acesso à informação cresceu, com a possibilidade a uma série de plataformas de geração e compartilhamento de informação. Mas a sala de aula no modelo virtual sobreviveu, em muitos casos, com percalços.

Portanto, retornando ao plano dos encontros físicos, o quadro se dilatou. A urgência em cooptar o corpo, para além do cognitivo, na tentativa de fazer da vivência, a prática essencial do ensino e da aprendizagem, intensificou pós pandemia. Decorridos tempos de inércia em termos de movimento e troca, ações que já se faziam presentes no âmbito da pesquisa e do ensino e das atividades de extensão envolvendo o cativar do corpo, entra na ordem do dia.

Pois já se ouvia de António Damásio há décadas que o aprendizado não se faz só com o cérebro, mas com o corpo como um todo. “Corpo e cérebro executam uma dança interativa contínua. Pensamentos implementados no cérebro podem induzir estados emocionais que são implementados no corpo, enquanto este pode mudar a paisagem cerebral e, assim, a base dos pensamentos.” (DAMÁSIO, 2011, p.126)

O que se presenciou no retorno pós pandemia no contexto universitário que frequentamos foi que os encontros se fizeram com muita alegria entre os que interagiram por mais de um ano de forma virtual e que agora, pela primeira vez, encontravam efetivamente os colegas, transitavam pelos corredores da faculdade, identificavam o que é um espaço universitário.

A celebração do corpo físico poderia ser acionada nas atividades de sala de aula de forma mais plena e colaborativa com a produção de conhecimento? O que se pode avançar quando se está junto, quando é possível se instalar não apenas mais diante da planaridade da tela, mas agora no espaço de mesas, cadeiras,

pranchetas, na profundidade espacial?

A busca por intensificar a presença do corpo, no âmbito da arquitetura e urbanismo, deve considerar a cidade. Pois ela também ficou ausente e é a grande arena da vida contemporânea. Assim, se passou também pela revisita a práticas como a da deriva, entendida aqui como um deambular livre e criativo. Para isto, os situacionistas são sempre lembrados. Mas também autores mais recentes que desenharam outras dimensões para a deriva, como por exemplo, trazendo para próximo a ela a ideia de errância, onde o foco de fato está nos errantes, nos que praticam a cidade com seus corpos de forma bastante efetiva. Não como os que trafegam por ócio.

A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências. Através das narrativas errantes seria possível apreender o espaço urbano de outra forma, pois o simples fato de errar pela cidade cria um espaço outro, uma possibilidade para a experiência, em particular para a experiência da alteridade. (JACQUES, 2014, p. 31)

A deriva que passa pelo corpo mas acentua a roupa. A atenção aos errantes da cidade e a tentativa de se colocar como o outro, o errante. Para isto, foi preciso preparar o corpo. Questionar o próprio corpo que deriva. E assim, as possibilidades de estranhamento do corpo através da roupa foi acionado. Iremos acompanhar algumas atividades realizadas em uma ação de extensão, realizada por uma turma do segundo período do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, que tem como temática a estética e a história da arte. Ela partiu de exercícios com o corpo e com o vestir, trouxe como forma de execução, de análise e de avaliação, atividades que possibilitaram o autoconhecimento, mas ao mesmo tempo, uma aproximação da cidade. Não só um estudo arquitetônico e urbanístico de recortes do centro de Maceió, mas uma busca de interação com os seus "errantes". A metodologia híbrida, com aulas teóricas e aulas práticas, contribuiu para o desenvolvimento do projeto do semestre, com o objetivo de aproximar os discentes de uma importante parte da cidade, que

um dia um dos famosos congressos do CIAM denominou ser seu coração: o centro, condensador de memórias, ativador de fluxos, espaço da mistura e das trocas, da diversidade social, de acesso convidativo propício aos diversos padrões de consumo e que por isso mesmo, marcado por estigmas sociais.

O curso começou diretamente com um passeio rumo à escolha de objetos individuais, colhidos no perímetro da FAU, no qual os discentes buscaram localizar alguma potência estética. A coleta de objetos foi seguida de uma discussão, bem como justificativa e defesa da capacidade estética do que foi selecionado pelos estudantes.

Mas o próximo passo foi chamar o corpo. Depois de uma série de dinâmicas, convidou-se a cada discente “vestir” o seu conceito estético. A confecção de roupas foi antecedida de um processo maior de identificação de aspectos ligados ao tema do curso. O que significa estética? Com que percepções, sentimentos e éticas dialogam? Assim foi possível ir perfilando uma série de atributos como a questão da excepcionalidade, da relação com a natureza; a convocação dos princípios de equilíbrio, proporção, módulo; o vínculo entre beleza e funcionalidade, os atributos sustentáveis dos objetos, os que enfrentam os padrões sociais, como o preconceito racial e de gênero.

Estes atributos foram se depurando e sendo transformados em invólucros corporais. Por exemplo, um cone usado para a sinalização urbana, fala acerca da busca por chamar atenção. A cor laranja, o formato, o calçado revestido em brita para tornar o caminhar pausado pelo peso, foi construído e exibido no centro da cidade de Maceió.





Figura 1, 2 e 3 - Involucro do cone na primeira intervenção no centro de Maceió em 2022.

Fonte: Autoral, 2022.

Ao corpo exposto, foi necessário pensar gestualidades e buscar também cativar a atenção do corpo do outro. Pois a este corpo vestido solicitou-se assumir uma alteridade, de forma que o próprio discente se permitisse viver uma outra faceta de si mesmo. Falava-se de memória, de interatividade, dos sentidos.

Partindo da ideia principal do meu objeto, que seria questionar a posição, o papel do resto, fez-se necessário vestir o descartável e levar esse corpo, ou resto de corpo, ao centro da cidade. O corpo-lixo ou a ausência do corpo – manifestado pela dúvida de lidar com um ser coberto com sacos plásticos, confundiu os limites do humano e do selvagem, contrariou e deu espaço ao ser que tem seus limites confundidos com o próprio resto, na medida em que um grande saco cheio de lixo pesava nas costas. O uso de acessórios complementou o projeto, com a suavidade da passagem do tempo que foi demonstrada por meio de folhas de calendário que escapavam esvoaçantes, falando do tempo que passa e transforma em lixo o calendário, ou seja, o objeto que as pessoas criam para domesticá-lo e controlá-lo. (Matheus Correia, relato pessoal da experiência)

Esta atividade de fato foi preparatória, testando a capacidade informacional, ética e subjetiva da roupa, além de colocar o estudante na posição de verificar a potência de suas próprias ideias,

depois de realizar a construção manual da roupa e passar pela performance de caminhar pelas ruas do centro e observar a reação das pessoas. Seguiu-se então a segunda etapa.



Figura 4 - Involucro "Restasser" em intervenção no centro de Maceió em 2022.

Fonte: Autoral, 2022.

A apreensão de andar apenas vendo sombras me fez ficar bem nervoso nos primeiros minutos, entretanto, o conhecimento do centro da cidade me fez explorar a memória, como também os sentidos – a audição e o tato –, assim, pude chegar ao ponto definido previamente. A permanência no espaço rendeu diversas reações por parte dos que frequentam o centro da cidade, muitas delas hostis, gerando atos de certo nível de agressividade, algumas outras de curiosidade, e a grande maioria apenas de surpresa. Afinal de contas, por mais que se ocultasse, existia alguém por baixo da vestimenta, entretanto, como reflexo de como o resto e o lixo são vistos pela sociedade, aquele rosto coberto e o resto do corpo envolto em plástico preto evocou atitudes de pouco acolhimento. (Matheus Correia, relato pessoal da experiência)

Um outro trabalho também tratou de restos e lixo, provocado pela escolha de uma lixeira que sofreu pichações.

Em determinado momento me deparei com um lixeiro, um objeto que normalmente causaria repulsa, mas estava chamando completamente a minha atenção por um detalhe específico, seu exterior estava pichado. A partir daquele momento, decidi fazer uma reflexão baseada no objeto escolhido e cheguei em diversos pontos, como a prática de reciclagem e *upcycling*." (Matheus Porciúncula, relato pessoal da experiência)

Partir do lixo propiciou que a roupa também tratasse de restos.



Figura 5 - Involucro "DescArt" em intervenção no centro de Maceió em 2022.

Fonte: Autoral, 2022.

Após muitos assessoramentos e tempo confeccionando a roupa, cheguei em um resultado que transmitisse o que eu queria, uma roupa totalmente feita com materiais descartados e transmitisse o meu *DescArte*. No meu rosto tinha uma maquiagem que passava a ideia de estar sujo de algo queimado. Estava vestindo uma camiseta manchada com a frase "Arte Lixo", e um colete feito de papel de embrulho com diversos alfinetes. A meta era criticar o consumo exacerbado e o descarte desnecessário gerado pela indústria da moda. Estava amarrado por diversos fios feitos com sacolas plásticas, um dos principais símbolos de descarte mundiais, já a calça foi feita inteiramente com retalhos, peças de calças descartadas, bem como os sapatos. (Matheus Porciúncula, relato pessoal da experiência)

Nesse sentido da autodescoberta, da descoberta do outro e da descoberta da cidade, encaminhou-se a experiência para uma segunda etapa, realizada agora em grupos, onde se devolveia para o centro de Maceió, reflexões sobre como se viu o centro da cidade no formato de intervenções. Estas não se soltaram das etapas anteriores com acordos realizados com os pressupostos estéticos dos objetos colhidos, a deriva e a roupa produzida individualmente. Ideias como falta de apreço pelos cidadãos, revelado na au-

sência de equipamentos como banheiro público, bancos, sombra, foram detectados. Outra questão foi a pressa, a ausência de interatividade, uma aparente desatenção com o espaço ao redor, a falta de manutenção dos edifícios de valor patrimonial, muitos deles em ruína, etc. Cada um destes temas foram puxados por questões prévias associadas à estética e história da arte como memória, ética, consumismo, espetacularização da vida etc.

Buscando falar destas temáticas, a atividade de extensão final se deu com essas intervenções no centro, onde aos corpos dos estudantes foi solicitado participar e interagir com o público. Todo este processo tinha como meta desembaraçar os corpos de uma certa condição de auto proteção, muito desenvolvida durante a pandemia, bem como promover uma interação entre a própria turma, no sentido de congregar-se e da troca de conhecimento.

Com a conclusão das discussões acerca da experiência individual do centro, seguiu-se, portanto, a proposta de formar equipes. De fato, depois da deriva e da discussão acerca dos atributos daquele espaço, a ideia era retornar ao local buscando um compartilhamento de experiências que agregasse, além da roupa, a transformação momentânea, de uma parte do centro. Os estudantes puderam discutir e apresentar seus relatos e assim, agrupar os trabalhos.



Figura 6 - Intervenção do grupo “Malquerença” no centro de Maceió em 2022.
Fonte: Autoral, 2022.

Malquerença surgiu então com a união de todos aqueles objetos que expunham a ideia do malquisto, do recusado, do marginalizado. O grupo se dispôs a explorar e a compreender os diferentes níveis de mal-estar presentes no centro da cidade e propôs um “alívio”, que veio carregado pelo grupo em um carrinho de mão. De fato, o carrinho portava diversos materiais passíveis de motivar interação; tintas, papéis, fitas. A ação possibilitou intervenções efêmeras com giz no

chão, criação de enlaces de teias de fitas nas árvores e bancos, bem como a intervenção nos nossos corpos com pinturas e com colagens.

No meu ponto de vista, a intervenção *Malquerença* obteve ótimos resultados, na medida em que conseguiu receber diversos transeuntes, bem como crianças, com destaque para algumas que acompanhavam os pais ambulantes durante os trabalhos de venda. A permanência da equipe em um mesmo local a princípio provocou estranhamento nos comerciantes ao redor, porém culminou em aceitação e participação ao longo das horas que ficamos lá. Oferecer aos indivíduos uma possibilidade de se aproximar do malquerido do centro através da arte foi obtida com sucesso pelo grupo. (Matheus Correia, relato pessoal da experiência)

Percebeu-se, então, que as reflexões se entrecruzavam de formas diversas, como quando, por exemplo, o trabalho que partiu do lixo trouxe consequências na percepção do centro, propiciando outras conexões. O descarte toma outra configuração, a própria arquitetura se faz foco e leva a observações sobre o comportamento dos transeuntes com relação ao conforto térmico e a aversão a determinadas condições das edificações.

O que mais me surpreendeu foi a forma que as sombras das edificações possuíam atribuições diferentes. Nas áreas comerciais as pessoas sempre caminhavam pela sombra dos edifícios, já que o centro não tem cobertas para proteger os pedestres da incidência solar. Enquanto quando se tratava das sombras de edifícios abandonados, as pessoas se distanciavam ao máximo. (Matheus Porciúncula, relato pessoal da experiência)

O desafio continuou no trabalho em grupo no qual se tinha como meta apresentar algo que em sua essência causasse repulsa. Mas a proposta foi agir ao inverso. Buscar o contato com as pessoas, fazer de um simples bom dia, a ocasião para perguntar se tudo ia bem. Surpreendentemente, foi possível parar as pessoas e de muitas delas colher relatos agradecidos, motivados apenas pelo interesse expresso em saber como estava acontecendo o dia para elas. Muitas então deixaram um desenho, uma imagem, falando de alegrias e tristezas.

No dia da apresentação, o grupo foi todo de branco com o intuito de servirmos como telas vivas. Diferentemente da primeira atividade onde apenas eu permitia que as pessoas me pichassem, nessa elas eram convidadas a fazer isso, o que trouxe um contexto e repertório completamente diferente



Figura 7 e 8 - Intervenção do grupo "Vem cá" no centro de Maceió em 2022.
Fonte: Autoral, 2022.

para a experiência. Quando começamos, percebemos uma certa resistência, mas depois de alguns instantes, o público foi se mobilizando para entender o que estava acontecendo, o que gerou uma experiência completamente gratificante. O poder de mudar o dia de alguém com uma simples conversa, entender as histórias por trás das feições que andavam tão apressadas para os seus destinos. Foi naquele momento e em diversos outros durante a disciplina, que eu percebi o impacto que a estética tem nos espaços. Ou melhor dizendo, como podemos provocar modificações no espaço e, portanto, na vida das pessoas, mesmo em caráter efêmero e como isto pode também nos transformar e comover. Como coisas simples como deixar numa roupa a marca do seu dia, pode fazer toda a diferença dentro de contextos e públicos diferentes. Foi sem dúvidas o trabalho mais gratificante e importante de toda a minha vida. (Matheus Porciúncula, relato pessoal da experiência)

Ver o outro e ver a si mesmo. O que é o vestir? Como ele implica no espaço e se relaciona com a arquitetura e a cidade? Podemos vestir ideias, conceitos, paisagens?

Estes cruzamentos entre aprendizado, percepção, deriva, desenvolvimento de um senso observador e estético, se valeram da roupa como estandarte.

Sair da sala de aula, encontrar os "errantes da cidade", se tornar momentaneamente um deles, trazer o movimento corporal, em suas mais diversas instâncias para a produção do conhecimento, foi a meta do experimento, que terminou em celebração. Pois corpos e produção de conhecimento pedem alegria.



Figura 9 e 10 - Piquenique de encerramento da disciplina na UFAL, 2022.
Fonte: Autoral, 2022.



A ideia do corpo, da roupa, da alteridade, buscou também acordar a ideia de que somos dotados de uma biologia, e por ela, nos tornamos seres irmanados e sempre em movimento. Neste caso, um sentido ainda mais profundo da deriva é acionado. Da colaboração no contexto de um curso acadêmico, de buscar unir conjuntos de corpos dedicados a indagar sobre o mundo, há em volta um movimento maior da deriva planetária, que nos impulsiona a nos colocar cada vez mais como aprendizes e colaboradores do corpo terra.

O mundo se define, antes de mais nada, pelo fato de ser um planeta, isto é, um corpo, ou melhor, um conjunto de corpos caracterizados por um movimento irregular e quase perpétuo: a palavra planeta provém da raiz grega planaomai, que significa "vagar, perder-se". (...) É por causa dessa natureza planetária que nada pode permanecer onde está, nem o que é. Olhemos tudo que está à nossa volta: pouco importa sua textura, forma, idade e consistência. Os pássaros, o vento, os rios, mas também os edifícios, os cheiros, as cores: tudo se move, tudo se transforma. Tudo muda de lugar, mesmo que não reparemos nisso. Tudo muda de forma, mesmo que essa transformação permaneça invisível aos nossos olhos. O mundo, enquanto realidade planetária, é um corpo à deriva e, inversamente, estar à deriva é o primeiro atributo de todos os corpos desse universo – terrestres e celestes. A deriva não é apenas um movimento espacial: ela não se limita a um deslocamento de um lugar para outro, é um movimento muito mais íntimo, corporal, que opera em todos os níveis da vida de todo ser terrestre. Sexo, nutrição, mas também imaginação, linguagem, nascimento, morte são algumas tantas formas e expressões desse movimento. É por causa da natureza planetária de Gaia e de todos os seus filhos que cada corpo na Terra está sujeito à metamorfose. (COCCIA, 2020, p. 142-143)

Agradecemos a turma ACE 2021.2 da FAU/UFAL cujo trabalho foi reportado aqui.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Altíssima pobreza**: regras monásticas e formas de vida. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Editora 34: São Paulo, 2012, V.3.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

JACQUES, Paola Bernstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SILVA, Maria Angélica da. Habitar o espaço, produzir com as mãos: experiências em dinâmicas do espaço habitado na FAU/UFAL. In: **Revista Ímpeto**. N. 05. Maceió: Edufal, 2016, pp.06-10.